

Pesquisa de dramaturgia em processos que levam da cena ao texto

Profissional autônoma
Mestre
Programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dramaturga, consultora de dramaturgia

Resumo: Relato da experiência no acompanhamento de processos coletivos de trabalho que resultou na dissertação de mestrado “Da cena ao texto: dramaturgia em processo colaborativo”, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silvia Fernandes. Recapitulação e análise da pesquisa bibliográfica, documental, presencial, entrevistas, versões dos textos e diários de trabalho.

Palavras-chave: dramaturgia, processo colaborativo, processos de criação

A rigor parece não haver diferença entre a pesquisa de um processo coletivo e de um processo convencional em teatro: há que se buscar os envolvidos na construção da obra, estudar seus papéis nessa construção; levantar os materiais publicados a respeito; acessar, quando possível, registros de imagem; refletir, se necessário, sobre a recepção. No entanto, ao nos aproximarmos dos objetos, identificamos particularidades capazes de determinar rumos bastante diferentes para os pesquisadores. Farei aqui uma reflexão sobre algumas dessas particularidades, em especial as relativas à pesquisa dramatúrgica, tomando como base minha dissertação de mestrado - cujo título já propõe uma primeira consideração - *Da cena ao texto: dramaturgia em processo colaborativo*.

Grande parte dos coletivos criadores não trabalha com um texto dramático já constituído, o que determina logo de início uma diferença daqueles processos que visam à montagem de um texto base. Se nesse tipo de criação o texto, muitas vezes, constitui o fio condutor do processo ou o ponto a que muitos dos elementos e pesquisas vão confluir, naquele o texto vai se revelando aos poucos, ao longo da construção, por tentativa e erro, acúmulo e descarte, revisões constantes. O pesquisador se depara, então, com a tarefa de estudar as diferentes etapas e versões, as “eras geológicas” que se depositaram sob o texto que foi levado à cena e, não raro, ainda é considerado em processo, já que pode contar também com a colaboração do público em sua composição.

O arqueólogo-pesquisador pode se deparar com um grupo organizado a ponto de conservar um ou mais diários de trabalho, versões e outros registros do processo – gravações, anotações, fotos, esboços, croquis. Quando isso não ocorre, as entrevistas se constituem o meio mais adequado para se retomar a lembrança das etapas. Individuais ou coletivas, aconselha-se que tenham como base um conhecimento prévio por parte do estudioso quanto

ao espetáculo e o que já foi publicado sobre ele. De posse dessas informações, do contato com o texto e de questões levantadas nessa pesquisa, dispõe-se de toda uma gama de provocações e estímulos a nortear as entrevistas.

No caso de o pesquisador acompanhar o processo, desde o início ou não, recomenda-se que faça a maior variedade possível de registros e convites a que outros participantes colaborem. De acordo com o foco, esses registros privilegiarão este ou aquele aspecto. Por exemplo, no caso da montagem do espetáculo *Geração 80*, de cuja dramaturgia fui responsável, levei a cabo um diário no qual registrava tudo que se referia ao texto dramático: improvisações, comentários, alterações, planos, dúvidas e, ao final de cada ensaio, ponderações. Na minha ausência, uma das atrizes fazia os registros, e foi solicitado a outros participantes que também anotassem sobre o processo.

Para o estudo do espetáculo *Um trem chamado desejo*, do Grupo Galpão, os diários de montagens anteriores escritos pelo dramaturgista Cacá Brandão e pelo ator e diretor Eduardo Moreira foram importante material de reflexão sobre o modo de trabalho do grupo. No contato com esse passado pude compreender algumas das motivações que levaram o Galpão ao processo colaborativo.

Complexidade

É como se, ao pesquisar a dramaturgia de uma montagem convencional, se efetivasse um estudo linear, horizontal (no tempo/espço, inclusive): o autor, seu tempo, suas influências, sua obra; o texto dramático, suas interpretações, fortuna crítica, e, finalmente, a leitura dada a esse texto pela equipe. Por outro lado, a pesquisa de um texto que nasceu da cena remete a uma estrutura mais complexa: muitas vezes não se recorda de onde surgiu esta ou aquela solução; as fontes são múltiplas, já que cada participante colabora com as referências teóricas que traz, mas também com suas história e formação, expressas nas improvisações e nas análises que faz do trabalho dos demais. Da colaboração de todos nas diversas etapas surgem as diferentes versões que, mais do que compilação do material da sala de ensaio, é algo processado também pelo dramaturgo. Ao experimentar uma versão revisada do texto, o grupo discute, interfere, resgata elementos que foram eliminados, propõe novos caminhos, adapta-se, e assim por diante. Essa experiência de instabilidade que leva à busca de soluções para se chegar ao equilíbrio - logo ameaçado por nova instabilidade - acompanha o processo do começo ao fim.¹

¹ Sobre a articulação de conceitos ligados à teoria do caos e ao pensamento da complexidade com questões dramáticas e cênicas ver: REWALD, Rubens. *Caos / Dramaturgia*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2005.

A isso podemos somar o trabalho da cena que, muitas vezes, favorece ações que dispensam a fala do personagem. Portanto, não é raro que um texto dramático construído em processo colaborativo pareça incompleto ou, dependendo do dramaturgo, incorpore a encenação nas rubricas – caso de *Geração 80*.

No caso de *Um trem chamado desejo*, depois de ler o texto e assistir várias vezes ao espetáculo, iniciei a pesquisa assistindo aos registros videográficos dos primeiros *workshops*² feitos para o projeto. Neles, cada ator apresentava um personagem já delineado em alguma situação. A partir daí, tive acesso ao material teórico estudado pelo grupo que, somado aos vídeos e conversas, permitiu ao dramaturgo Luís Alberto de Abreu elaborar um *canovaccio* (roteiro de ações). Estudei esse *canovaccio* que foi dado ao grupo para o início dos trabalhos de improvisação e que contemplava os personagens sugeridos nos *workshops*. Daí em diante o caminho se bifurcou: enquanto a equipe improvisava, imaginava músicas, cenários, luz e figurinos, o dramaturgo também desenvolvia seu texto - todos tomando como base o roteiro de ações. Abreu enviava, então, os trechos que havia escrito para que o restante do grupo discutisse, experimentasse e buscasse o equilíbrio entre o que havia imaginado e o texto apresentado. O diretor dava retorno ao dramaturgo das decisões em sala de ensaio por e-mail e por telefone, o texto era retrabalhado por Abreu e devolvido ao grupo para nova etapa. Periodicamente o dramaturgo comparecia aos ensaios para análise e discussão do processo. Novas versões eram criadas e experimentadas, até que chegou o momento da finalização:

Ou seja, o material de criação dos diferentes setores estava transformado em cena e, embora vigorosos, mantinham-se algo desconexos, sem precisão. Dentro de um processo de criação esse talvez seja o momento mais delicado, quando todo o material está levantado e sua melhor geometria depende das escolhas que serão feitas. É o momento de decidir o que será cortado, revisto, retrabalhado, mantido. É um momento tenso, no qual o cansaço e a ansiedade se fazem sentir onde nada está ganho ou tudo pode ser perdido” (ABREU, 2007, p. 10).

Tive acesso às versões e estive presente na discussão e durante os ensaios seguintes. Toda a equipe se reuniu para analisar cena a cena e propor modificações que levariam à formatação final do espetáculo. Ainda nessa etapa ocorreram as múltiplas interferências entre as áreas, até que os responsáveis deram a palavra final de sua competência.

Se em *Um trem chamado desejo* Abreu foi o único a responder pela dramaturgia, em *Caixa Postal 1500*, do Oficina Galpão Cine Horto, a experiência colaborativa foi mais complexa. Uma equipe de dramaturgos, iniciantes e veteranos, encarregou-se da elaboração do texto de forma integrada com a equipe, sob coordenação de Bete Penido e sob supervisão e

² Para o Grupo Galpão um *workshop* caracteriza-se como um misto de improvisação - dado o prazo relativamente curto para a elaboração - e formalização: roteiro, luz, figurino, cenário, marcação cênica, por exemplo. (NICOLETE, 2005, p. 57)

finalização de Luís Alberto de Abreu. Um dramaturgo sugeria imagens, que eram desenvolvidas por outros que não ele. As cenas eram lidas, analisadas em grupo e reelaboradas.

Paralelamente a esses avanços da dramaturgia, os atores também faziam seus estudos e pesquisas para a construção das personagens, livremente baseados nas imagens e ações desenvolvidas pelo núcleo de dramaturgia. (...) Muito enriquecedor foi o momento em que todas as partes passaram a trabalhar mais próximas: os dramaturgos viram o resultado da pesquisa dos atores e algumas ações ‘encenadas’ e puderam ter uma idéia do que realmente estavam escrevendo. Toda a contribuição dos atores pode ser absorvida por quem escrevia e, daí, surgiram novas ações que, mais tarde, se transformariam em novas cenas (HENRIQUE, PENIDO, 2009, P. 33).

Como se dá a pesquisa dramaturgica nesse contexto coletivo? Como identificar autorias num processo de intensa relação criativa? Como avaliar a colaboração das diversas fontes do discurso no texto dramático se elas não foram elaboradas *a posteriori*?

As fontes para a pesquisa de processos convencionais são inúmeras. A investigação de processos coletivos tem encontrado só recentemente um lugar estável na Academia e, quem sabe, em pouco tempo, nas livrarias. Cabe a nós pesquisadores ampliar e aprofundar cada vez mais o estudo da prática coletiva que, como sabemos, traz em seu bojo questões não só artísticas, mas filosóficas, econômicas e políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luís Alberto de. *Um trem chamado desejo*. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2007. (Espetáculos do Galpão, 6)

BRANDÃO, Carlos A. Leite. *Grupo Galpão : diário de montagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Livro 1 – Romeu e Julieta, livro 3 – Um Molière imaginário, livro 4 – Partido.

HENRIQUE, Marcelo, PENIDO, Bete. Caixa Postal 1500. In: GALPÃO CINE HORTO, *Cadernos de dramaturgia do Galpão Cine Horto*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. p.29-35. (Oficinão,1)

NICOLETE, Adélia. *Da cena ao texto: dramaturgia em processo colaborativo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.